

QUEM FAZ O SUAS
ACONTECER

DANÇA: PENSAMENTO E PRÁTICA HOLÍSTICA NOS ESPAÇOS SOCIOEDUCATIVOS

Por Isabella Henriques Fernandes Ferreira

Foto: Atendidos pelo CCA PAULUS apresentam o espetáculo *Aquarela Social* na FAPCOM.

Dada a relevante importância de refletirmos acerca da abordagem da dança como linguagem artística a ser utilizada em espaços socioeducativos, pela qual os profissionais possam compreender suas atuações nesses locais de modo a possibilitar aos usuários atividades com real valor integrativo, esse artigo intenta apresentar um breve panorama sobre a história da dança e qual método pode expressar melhor consonância com a proposta de convivência e fortalecimento de vínculos.

Pensar a dança passa a ter maior importância a partir do início do século XX com a Dança Moderna, que buscava romper com certas tradições da dança clássica. François Delsarte, ator e pesquisador teórico, foi grande influenciador desse período, já que, ainda em meados do século XIX, desenvolveu estudos sobre a expressividade gestual corporal, os quais possibilitaram a exploração prática desse estudo a partir da dança (SOUZA, 2012).

Neste período, destacaram-se alguns nomes, como Isadora Duncan, Martha Graham, Jacques Dalcroze e Rudolf Laban, os quais buscavam ir além das técnicas e importavam-se com o modo como o movimento seria realizado, abandonando sapatinhas e roupas que impediam o movimento, tentando fazer dos bailarinos estudantes do próprio corpo para mover-se. Apesar de ter

ampliado o *como* pensar a dança, essa arte continuou, no entanto, com a abordagem de alguma técnica de dança para a preparação corporal, já que o corpo devia ser treinado para poder se expressar.

Em meados do século XX, a Dança Contemporânea consegue ampliar esse pensamento, dando autonomia ao dançarino para que este seja um intérprete-criador, visto como um sujeito que carrega no corpo a sua bagagem vivida. A dança é explorada como composições no espaço, vista como linguagem artística e área de conhecimento. Há a valorização do processo do espetáculo, não somente de seu produto compositivo final. Pina Bausch, Merce Cunningham, Steve Paxton e o brasileiro Klauss Vianna são nomes importantes desse momento. A Dança Contemporânea atrelou-se ao pensamento de corpo integrado e interdisciplinar do corpo, e a consciência de movimento foi trabalhada nos princípios das abordagens somáticas, desenvolvendo a Educação Somática, que conta com variados métodos para entendimento do próprio corpo e suas estruturas, a fim de tratar lesões ou problemas de saúde.

O conhecimento do corpo abordado pelos princípios somáticos possibilitou aos dançarinos da Dança Contemporânea mover-se a partir de estímulos do próprio corpo, do ambiente e seu contexto.



Trecho do espetáculo *Aquarela Social*, que, através de danças típicas, ilustrou alguns possíveis resultados de Percursos.

Foto: Arquivo PAULUS.

PERSPECTIVA MECANICISTA E HOLÍSTICA DA DANÇA

No dia a dia ouve-se com frequência que alguém não “leva jeito” para dançar ou que dançar é somente para diversão. Em contrapartida, diversos pesquisadores de dança refletem sobre algumas questões: qual corpo dança? Qual corpo é mais preparado para dançar? O que dançar? Quando se relacionam às falas do cotidiano, tais questões acabam gerando discussões, tanto para os que não conhecem a dança como área de conhecimento quanto para os estudiosos de dança. Muitos desses desentendimentos também ocorrem entre os profissionais, por terem visões divergentes de ensino da dança. Uma dessas visões seria o “mecanicismo”, que consiste na produção quantitativa – isto é, os números importam para a sua eficiência. A partir desse conceito, Woodruff (1999) aponta a Dança Moderna como uma atividade que leva em consideração a repetição de exercícios até que se alcance a automatização do movimento. Assim, a busca pela ruptura com o tradicionalismo da Dança Clássica se mostra mais idealizada do que concretizada, vindo a ser trabalhada com maior aprofundamento no período seguinte.

Em contrapartida ao pensamento tradicionalista/mecanicista, visando opor-se ao pensamento dicotômico e ampliando a maneira como o indivíduo pensa e age, além do modo como se relaciona com o ambiente e com o outro, destaca-se o conceito de Holismo re-

fletido por Dianne Woodruff: “Holismo é o conceito no qual uma unidade orgânica e integrada assume uma realidade independente e mais ampla do que a soma de suas partes” (WOODRUFF, Dianne; 1999, p. 26).

Ao trazer esse segundo paradigma, a pesquisadora discute sobre o processo de ensino da Dança, ressaltando que a Dança Moderna tem o intuito de colocar esse pensamento como regente, porém, com a predominância do mecanicismo e da forma tradicionalista do ensino. O Holismo pretende ir além da reprodução de passos, trazendo o sujeito que dança e o local em que dança como questões para o criar e o mover.

A criação em dança, a partir desse pensamento holístico, permite o reconhecimento de si àqueles que a praticam. O indivíduo é atravessado por estímulos sonoros, visuais e corporais, já que nessa abordagem de ensino é importante a análise de contexto destes corpos para assim percebê-los como corpos dançantes.

Com esses dois pensamentos, pode-se destacar que a formação dos profissionais que atuam nesses lugares se diferencia em duas categorias: educadores físicos e professores artistas – ou profissionais da dança com vieses mecanicista e holístico, respectivamente. O primeiro busca uma relação motora e repetitiva para a “educação” corporal; o segundo pensa e atua na prática a partir das experiências vividas e utilização das técnicas a favor deste corpo, não para doutriná-lo.



Atendidos pelo CCA De Olho no Futuro apresentam o espetáculo *Aquarela Social* na FAPCOM.

Foto: Arquivo PAULUS.

| A DANÇA COMO ELEMENTO FACILITADOR DA CONVIVÊNCIA E DO VÍNCULO

De acordo com os dois paradigmas de Woodruff (1999) relacionados às maneiras de pensar a dança na história, é preciso refletir sobre a contextualização da dança para o espaço socioeducativo. Esses espaços destinam-se a atender pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social, preocupando-se com o bem-estar por meio da convivência e do fortalecimento de vínculos.

O contato direto das instituições com os usuários se dá pela atuação do educador social. Estudos da psicologia indicam que:

Aproximando-se da psiquiatria social, é levado a estudar o indivíduo não como um ser isolado, mas incluído dentro de um grupo, basicamente o familiar; empreende, assim, a investigação psicossocial e sociodinâmica. Ao mesmo tempo, investiga a inclusão e significação que esse grupo tem dentro da sociedade na qual está inserido, investigação que denomina institucional. (PICHON-RIVIÈRE, Enrique; 1998, p. 12).

Observa-se a importância da quebra do tradicionalismo e do pensamento dicotômico dentro dessas instituições e de seus profissionais, para que, assim, consigam trabalhar cada indivíduo em sua integralidade, trazendo o pensamento holístico como reflexão e acolhimento desses sujeitos.

Percebe-se a necessidade de as instituições compreenderem o pensamento integrativo; mas na prática, via de regra, a dança não é vista sob a ótica holística, e sim como uma atividade com vista a apresentações e reproduções de coreografias. Tal prática remete ao ensino tradicionalista/mecanicista, talvez, pelo desconhecimento da dança como uma área de conhecimento e linguagem artística para além da mera reprodução de movimentos.

Faz-se necessário refletir sobre a maneira como a dança pode ser trabalhada como elemento de fortalecimento de vínculos, já que esta pode ser facilitadora da convivência.

Pichon-Rivière (1998, p. 2-3) ressalta que só há vínculo quando os três campos de investigação (do indivíduo, do grupo e da instituição ou sociedade) estão trabalhando em conjunto. Com isso, destaca-se a relação do indivíduo consigo mesmo, com outro e a sua relação como ser que vive em sociedade, representando as esferas subjetivas, intersubjetivas e objetivas da existência, respectivamente.

Pensar em atividades de dança que visam o vínculo, colocar este sujeito em contato com o próprio corpo, estimular o reconhecimento de si e do seu corpo pelo movimento são atitudes fundamentais para o primeiro campo. Assim, abrem-se possibilidades de relação com os demais. Res-

salta-se que estes estariam sempre em conjunto desde o início do processo – mesmo que o trabalho seja individual, o ambiente e quem está inserido nele importam.

Conforme Vianna (2005, p. 70), o trabalho corporal pode ser terapêutico, por se tratar do contato com o próprio corpo como referência direta da existência como ser. Trabalhar o corpo é permitir-se respirar, abrir espaços internos. Vianna não trabalhava de forma terapêutica, mas entendia o corpo como integral e integrante, e a sua bagagem seria importante para o processo e criação em dança.

Vianna, Fusari e Ferraz (1993, p. 22-23) apontam três conceitos que permitem o ensino artístico:

FAZER/CONSTRUIR	Técnico-inventivo
REPRESENTAR	Imaginação, mundo da natureza e cultura.
EXPRIMIR	Sínteses de sentimentos estão incorporados nas ações do produtor da obra artística, na própria obra de arte, no processo da apresentação destes à sociedade e nos atos dos educadores.

Na tabela, Fazer, Representar e Expressar são maneiras e conceitos utilizados para trabalhar a linguagem artística. Sendo o processo artístico valorizado e integrado durante a sua exposição, o usuário do serviço participa durante todo o processo, que deve ser pensado e trabalhado integrando os três campos de investigação.

No Fazer, encontra-se a técnica, refletindo sobre quais aspectos técnicos o corpo pode criar a partir do movimento. O Representar envolve o desejo, uma causa para o mover-se. Já o Expressar vai pensar em como os conteúdos trabalhados durante o processo podem ser sintetizados em uma conduta menor, ressaltando a importância desta como parte do processo, que ainda poderá ter uma continuidade.

São pressupostos como esses que podem garantir a utilização da dança como mediadora corpo-mundo, relação, tensão e distensão, permitindo àqueles que atuam em espaços socioeducativos a superação da ideia de repetição de passos e apresentações de palco.

Texto produzido como trabalho de conclusão do curso "O espetáculo da convivência na prática dos SCFV – Modo Dança", do Núcleo PAULUS de Formação, Pesquisa e Disseminação Social.